



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

REDES SOCIAIS E ATIVISMO MIDIÁTICO NA BUSCA POR REPRESENTAÇÃO DOS CAMELÔS: análise do Movimento Unidos dos Camelôs (MUCA)¹

Bruna Navarro Julião, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano na Universidade Federal Fluminense (UFF) e integrante do grupo de pesquisa EMERGE.

Adilson Vaz Cabral Filho, Professor no Curso de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense - UFF.

RESUMO

Este trabalho analisa o ativismo midiático nas redes sociais, com foco na página do Instagram “@mucarj”, gerida por camelôs organizados do Rio de Janeiro. Por meio de revisão bibliográfica e análise de conteúdo, investiga-se como as novas mídias podem romper estereótipos e amplificar a voz desses trabalhadores. A pesquisa destaca o papel das redes sociais na transformação social, ao mesmo tempo em que reconhece seus limites diante da hegemonia dos meios de comunicação tradicionais. O estudo chama atenção para o potencial e os desafios das plataformas digitais na representação de grupos marginalizados, como os camelôs.

PALAVRAS-CHAVE: Camelôs; Ativismo Midiático; Redes Sociais; Representação; Comunicação Digital.

1 INTRODUÇÃO

Nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, legalidade e ilegalidade se entrelaçam no cotidiano urbano. Nesse cenário, os camelôs disputam o espaço público enquanto enfrentam estigmas e exclusão.

A mídia exerce forte influência na percepção pública sobre esses trabalhadores. Segundo Berger e Luckmann (2014), a realidade social é construída por meio das interações e instituições, sendo a mídia um agente central nesse processo. No entanto, para os camelôs, eles se percebem frequentemente retratados sob uma ótica criminalizante, descontextualizada de suas realidades e lutas.

O Movimento Unido dos Camelôs (MUCA) surgiu em 2003, liderado por Maria do Carmo, conhecida como Maria dos Camelôs. Com duas décadas de atuação, consolidou-se como um importante movimento social na defesa dos direitos dos trabalhadores ambulantes, enfrentando a marginalização e a violência institucional (BONAN, 2023).

Além de sua atuação política e social, o MUCA utiliza o Instagram como ferramenta de mobilização, conscientização e disputa de narrativas em contraposição à imprensa tradicional. Por

¹ Trabalho apresentado no GT3 – Redes sociais e ativismo midiático da XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

meio dessa plataforma, busca sensibilizar a sociedade sobre as condições enfrentadas pelos camelôs e debater temas do momento, principalmente os que envolvem os trabalhadores informais, a partir da perspectiva desses camelôs.

O problema central desta pesquisa parte da constatação de que os camelôs não se veem representados pela mídia tradicional, buscando nas redes sociais meios de expressar suas pautas e visibilizar suas lutas.

2 METODOLOGIA

A pesquisa se fundamenta em revisão bibliográfica sobre ativismo midiático, representação de camelôs na mídia e uso das redes sociais na mobilização social. Essa revisão inicial busca auxiliar na compreensão dos conceitos-chave envolvidos na análise. Também foi realizada uma análise de conteúdo da página do MUCA no Instagram, observando discursos, formatos de publicação, frequência e interações nas postagens.

A análise segue a proposta de Bardin (2000), entendendo o conteúdo como expressão de sentidos passível de interpretação. Foram considerados elementos como narrativas adotadas, estratégias de comunicação e formas de engajamento utilizadas pelo movimento.

O objetivo é compreender como os camelôs se apropriam das redes sociais para romper o silenciamento e a estigmatização que observam, destacando sua contribuição social e resistência cotidiana nas ruas. A pesquisa também visa discutir os limites e as possibilidades do ativismo digital frente à hegemonia midiática.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Os direitos humanos, em especial o direito ao trabalho, são fundamentais para a dignidade e a equidade social. Godoy (2021) ressalta que o trabalho vai além do aspecto econômico, sendo elemento de identidade e pertencimento. Nesse sentido, o comércio ambulante é um meio legítimo de sustento e expressão de existência.

A relação entre camelôs e mídia evidencia a desigualdade simbólica. A ausência de representações adequadas contribui para sua exclusão. A mídia tradicional tende a reforçar estigmas, ignorando as demandas reais desses trabalhadores (BERGER; LUCKMANN, 2014).

Como contraponto, o conceito de ativismo midiático é essencial para entender a atuação do MUCA. Castells (2018) destaca que a digitalização da comunicação transformou a maneira como interagimos com a política e com o espaço público. As redes sociais possibilitam que vozes antes marginalizadas conquistem visibilidade e tenham espaço para articularem suas narrativas.

Assim, o ativismo midiático se configura como estratégia de enfrentamento à invisibilidade, sendo capaz de mobilizar apoio, compartilhar experiências e questionar as estruturas dominantes de poder e comunicação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise preliminar da página do MUCA revela sua capacidade de gerar engajamento e promover conscientização sobre os camelôs por meio de postagens interativas, relatos pessoais e denúncias de violações de direitos.

O movimento demonstra domínio sobre as condições de trabalho dos ambulantes cariocas, utilizando o Instagram para divulgar informações, dialogar com a sociedade e pressionar autoridades. Sua atuação combina saberes práticos com estratégias comunicacionais, ampliando o alcance de sua pauta (Bonan, 2023).

A presença nas redes sociais é também uma forma de resistência simbólica frente à repressão institucional. O MUCA denuncia a violência cotidiana sofrida pelos camelôs, a ausência de políticas públicas e a falta de regulamentação adequada. As postagens evidenciam episódios de abuso e também ações de solidariedade e organização coletiva.

Ao se apropriar das redes sociais, o movimento constrói uma narrativa própria, pautada na dignidade do trabalho ambulante, desafiando estereótipos e confrontando o discurso dominante. Ainda que enfrente os limites das plataformas, como algoritmos que restringem alcance e a dominância de grandes corporações da tecnologia, o MUCA mostra que é possível ocupar o espaço digital com protagonismo e resistência e faz uso constante desse espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as redes sociais ofereçam possibilidades de visibilidade e articulação, é preciso reconhecer suas limitações. O ativismo midiático, apesar de seu potencial transformador, não está isento de desafios, especialmente diante do controle financeiro e de poder das plataformas e da reprodução de discursos hegemônicos também no ambiente digital.

Esta pesquisa reforça a importância de considerar os camelôs como sujeitos políticos e comunicacionais. O estudo também destaca que a atuação nas redes sociais, especialmente através do MUCA, representa uma forma legítima de disputar narrativas, visibilizar realidades ignoradas e reivindicar direitos.

O ativismo midiático emerge, assim, como uma ferramenta poderosa, ainda que com desafios por si só, para enfrentar a invisibilidade e fortalecer a luta de grupos marginalizados. É fundamental seguir investigando seus alcances, contradições e impactos no campo da representação social e midiática.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2000.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BONAN, Ana Cecília Faro. **O Movimento Unido dos Camelôs e a luta por direitos**: o direito em disputa no contexto de repressão e criminalização dos camelôs no Rio de Janeiro. 2023. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: A crise da democracia liberal. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.

GODOY, Tatiane Marina Pinto. Territorialidade do trabalho informal: a centralidade periférica dos vendedores ambulantes. In: **Trajetórias da informalidade no Brasil Contemporâneo**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2021.